

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Contra da Manhã

Class.: 10

Data: 07/12/1977

Pg.: 11 (1º Caderno)

Na trilha dos

índios Karajá - XVI

Landi dá a canoa que traz o peixe

Contra da Veiga Jardim

CM 67-12-7/10/11

Da árvore landi, que é uma espécie de cedro, o Karajá fabrica a sua canoa. Tem época certa para a escolha da árvore, geralmente no tempo da seca, entre agosto e setembro. Essa árvore é normalmente encontrada nas margens de lagoas ou rios. Descoberto o landi, é verificada a situação do terreno. Uma coisa é importante: as marcas deixadas no tronco pelas encheites anteriores. Se tudo indicar que na futura enchente as águas atingirão a região onde se encontra o landi, então ele é derrubado e cortado no tamanho da canoa. Ali fica o enorme tronco, até que cheguem as águas. É o meio ideal e único para o transporte de madeira, que pesa toneladas, enquanto verde.

Chega a enchente e o Rio Araguaia agora é um mar, invadindo e inundando tudo. Na aldeia, os Karajá preparam-se para ir buscar o pesado tronco. Guerreiros são mobilizados para a tarefa. Saem em várias canoas e vão até o local. A madeira está submersa, muitas vezes a mais de quatro metros no fundo do Rio. Mas isto não representa obstáculo para os Karajá. Cortam bastante cipó, mergulham e amarram com ele o grande toro. Enquanto alguns índios, na canoa, puxam a extremidade livre do cipó, os mergulhadores se juntam lá no fundo, tentando erguer o tronco. E conseguem, já que na água o trabalho se torna mais viável.

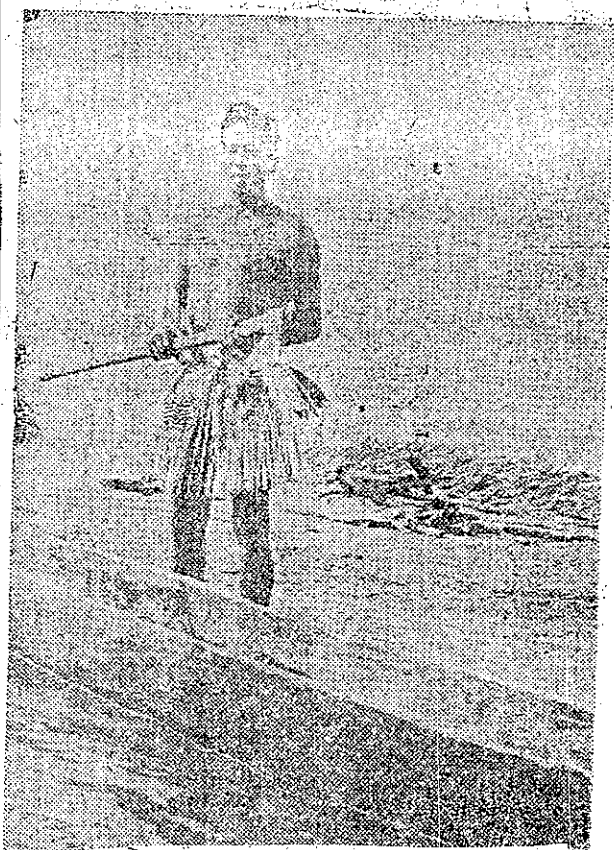
O enorme toro vem subindo aos poucos, até ficar encostado no fundo da canoa, rente, bem atado com o cipó. O trabalho leva horas. Amarrado o tronco, os índios deixam a lagoa em busca do grande Rio. Tudo foi previsto: as amarrações sólidas, o cuidado no remar. Se o tronco se liberta já nas águas profundas do Araguaia, o trabalho está perdido. Se a canoa fizer água, lá irão ubá e toro mergulhar 30 metros ou mais. Dentro da canoa, um guerreiro, sempre atento, mantém nas mãos o seu facão bem afiado, para cortar os cipós no caso de a canoa ser invadida pelas águas. Assim chegam até às proximidades da aldeia, encostando na margem.

Cortam as amarras e esperam meses que as águas baixem. O tronco lá está deitado na beira do Rio, mas só pode ser trabalhado quando as praias aparecerem. Chegada a época propícia, o tronco é cavado a machado. Quando chega na espessura desejada, é dada a forma externa da canoa. Esse trabalho dura um mês, tomando-se por base uma média de cinco horas por dia. Concluído o serviço bruto, feito a machado, vem o acabamento. Vários homens levantam a canoa e a colocam sobre forquilha, a meio metro acima do solo. Enchem-na com água e fazem uma fogueira embaixo dela, controlando as chamas, para que a embarcação seja queimada por igual. Depois do queimado o grande tronco escavado, as farpas carbonizadas são raspadas a facão ou com o uso de pedras e lixas vegetais. O polimento externo fica pronto.

Explica-se a razão da água na canoa. Ela evita o enfraquecimento das fibras, conservando o tronco úmido durante a queimação, ao mesmo tempo em que o peso da água ajuda a abrir a canoa. Quando não atingem a abertura desejada, os Karajá completam a obra usando galhos verdes de árvores, que são colocados nas paredes internas da ubá, como travessas, formando a abertura. Essas travessas, com o calor do sol e o passar dos dias, se desprendem sozinhas. Os guerreiros se reúnem, levantam a canoa e a colocam dentro da água. Esvaziam-na e esperam que ela seque. A queimação agora é feita no interior da embarcação. O mesmo processo de polimento é realizado, desta vez com brasas ou palhas secas.

As brasas são espalhadas sem cessar, para que não fiquem num só ponto, o que poderia danificar o tronco. Acabado o serviço de polimento a fogo, a canoa é levada para o porto, onde é alagada e submersa, ficando umas duas semanas dentro da água. Isso evita o ressecamento da madeira, antes submetida ao fogo, e conseqüente rachadura. Findo esse período, a canoa está pronta para ser usada. Não há bancos no seu interior, porque o Karajá durante a pesca ou está remando, sentado sobre os calcanhares, ou está de pé, com os olhos fixos nas águas e arpão em riste, para golpear o grande pirarucu.

As ubás medem aproximadamente de quatro a cinco metros de comprimento, com largura de até um metro. É muito raro, mas há os que preferem canoas maiores, de até oito metros. Nesses casos ficam pouco tempo com elas, pois os "civilizados" as adquirem, por pouco dinheiro ou por troca de quinquilharias. Cortam-lhes a pôpa e ali adaptam motores. Transportam assim pelo Rio Araguaia toneladas de carga. Antigamente, era obrigatório a cada família constituída ter a sua própria canoa. Hoje em dia, devido às dificuldades de sua fabricação, por motivos diversos, raros são os jovens casados que se aventuram a um trabalho tão duro e demorado. Preferem utilizar as ubás dos parentes e amigos, ou alugam dos que, já velhos, não podem mais ir à pesca. Tais canoas são muito cobçadas pelos pescadores brancos da região, aos quais os índios dão o nome de "mariscadores". Sabem eles que a canoa do Karajá é uma segurança para as travessias perigosas, em trechos de pedras e cachoeiras.



BOM TRABALHO

Carajá terminou a escavação e vai iniciar o processo de queimação interior